



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - LEDOC

GRACIELE MARIA DA CONCEIÇÃO FERNANDES

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E DISCURSO RELIGIOSO: UMA ANÁLISE DA
CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES DE MULHERES EVANGÉLICAS DO SÍTIO
CARAÚBA /UPANEMA - RN**

MOSSORÓ
2021

GRACIELE MARIA DA CONCEIÇÃO FERNANDES

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E DISCURSO RELIGIOSO: UMA ANÁLISE DA
CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES DE MULHERES EVANGÉLICAS DO SÍTIO
CARAÚBA /UPANEMA - RN**

Monografia apresentada a Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como requisito
para obtenção do título de Licenciado em
Educação do Campo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ady Canário de Souza
Estevão

MOSSORÓ

2021

©Todos os direitos estão reservados à Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996, e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tornar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata, exceto as pesquisas que estejam vinculadas ao processo de patenteamento. Esta investigação será base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) seja devidamente citado e mencionado os seus créditos bibliográficos.

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas
da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F363r Fernandes, Graciele Maria da Conceição.
Representações Sociais e Discurso Religioso:
Uma Análise da Constituição de Identidade de
Mulheres Evangélicas do Sítio Caraúba/Upanema -
RN / Graciele Maria da Conceição Fernandes. - 2021.
55 f. : il.

Orientadora: Ady Canário de Souza Estevão.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Educação do Campo,
2021.

1. Mulher. 2. Representação. 3. Identidade. 4.
Discurso Religioso. I. Estevão, Ady Canário de
Souza, orient. II. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

GRACIELE MARIA DA CONCEIÇÃO FERNANDES

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E DISCURSO RELIGIOSO: UMA ANÁLISE DA
CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES DE MULHERES EVANGÉLICAS DO SÍTIO
CARAÚBA /UPANEMA - RN**

Monografia apresentada a Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como requisito
para obtenção do título de Licenciado em
Educação do Campo.

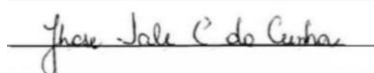
Defendida em: 05 / 11 / 2021.

BANCA EXAMINADORA



Ady Canário de Souza Estevão, Orientadora, Prof. Dr. (DCH/UFERSA)

Presidente



Jhose Iale C. da Cunha, Examinadora Interna, Prof. Ma. (UFERSA)
Membro Examinador



Aleksandra Nogueira Fernandes, Examinadora Externa, Prof. Ma. (IFRN)
Membro Examinador

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, sem o Qual nada seria e em nenhum lugar chegaria.

A minha querida tia Vilma Fernandes, por todo incentivo, pelas orientações e apoio a mim dado durante meu percurso acadêmico, (In Memoriam).

A todas as mulheres cristãs que direta ou indiretamente participaram deste estudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que foi minha força e fortaleza em todos os momentos.

Agradeço a minha mãe que foi meu exemplo e minha maior incentivadora

Agradeço ao meu pai que não media esforços para me ajudar e sempre fez de tudo para que eu chegasse até a faculdade.

Agradeço ao meu namorado, pelo apoio, pelas palavras de confiança e segurança que sempre me deu.

Agradeço a minha Igreja que sempre orou por mim.

Agradeço a minha Orientadora por todo apoio e orientação, por me facultar confiança e ter me conduzido pacientemente neste estudo.

Agradeço as minhas amigas Ana Paula e Viviane que foram minhas companheiras de todas as horas neste longo e árduo caminho.

Agradeço a Jhose e Aleksandra por terem aceitado nosso convite de participar da banca examinadora da defesa.

Aclamem o Senhor todos os habitantes da terra! Prestem culto ao Senhor com alegria; entrem na sua presença com cânticos alegres. Reconheçam que o Senhor é o nosso Deus. Ele nos fez e somos dele: somos o seu povo, e rebanho do seu pastoreio. Entrem por suas portas com ações de graças e em seus átrios com louvor; deem-lhe graças e bendigam o seu nome. Pois o Senhor é bom e o seu amor leal é eterno; a sua fidelidade permanece por todas as gerações.

Salmos 100:1-5

RESUMO: O presente estudo busca analisar a representação de identidade de mulheres no âmbito da Igreja Assembleia de Deus, a partir do Sítio Caraúba/Upanema – RN, nas condições de produção do discurso religioso sobre a constituição da identidade feminina. Intenta-se compreender como os membros desta comunidade veem a representação da mulher na instituição e as mulheres entendem a constituição de suas identidades sociais. Buscamos interpretar essas identidades em procedimentos linguísticos e discursivos numa perspectiva educativa e social, abrangendo discursividades nas relações de gênero e religiosidade. Para tanto, adota-se a perspectiva teórica discursiva no campo das Ciências Humanas e Sociais, a partir de autores e autoras que discutem: Representações Sociais (JODELET, 2001), Discurso Religioso (ORLANDI, 2005; PEDROSA, 2007), Identidades Sociais (HALL, 2006), Mulheres Evangélicas (VILHENA, 2010), dentre outros/as. Metodologicamente, utiliza-se o viés da pesquisa qualitativa interpretativa (GERHARDT; SILVEIRA, 2009), na geração de dados por meio de questionários semiestruturados (AMARO; PÓVOA; MACEDO, 2005), tendo como “sujeitos” colaboradores mulheres e homens evangélicos da comunidade de Caraúba-RN que aceitaram participar. Os resultados apontam que na Igreja Assembleia de Deus do Sítio Caraúba, tanto homens como mulheres constroem representações sociais que aprofundam as desigualdades de gênero, apesar de terem seu espaço na comunidade evangélica, sobretudo as mulheres ainda são inferiorizadas.

Palavras-chave: Mulher; Representação; Identidade; Discurso Religioso.

ABSTRACT: This study seeks to analyze the representation of women's identity within the Assembly of God Church, from Sítio Caraúba/Upanema - RN, in the conditions of production of religious discourse on the constitution of female identity. We intend to understand how the members of this community see the representation of women in the institution and the women understand the constitution of their social identities. We seek to interpret these identities in linguistic and discursive procedures in an educational and social perspective, covering discursivities in gender relations and religiosity. For this, we adopt the discourse theoretical perspective in the field of Human and Social Sciences, based on authors who discuss: Social Representations (JODELET, 2001), Religious Discourse (ORLANDI, 2005; PEDROSA, 2007), Social Identities (HALL, 2006), Evangelical Women (VILHENA, 2010), among others. Methodologically, we use the bias of interpretative qualitative research (GERHARDT; SILVEIRA, 2009), in the generation of data through semi-structured questionnaires (AMARO; PÓVOA; MACEDO, 2005), having as "subjects" collaborators evangelical women and men of the community of Caraúba-RN who agreed to participate. The results indicate that in the Assembly of God Church of Sítio Caraúba, both men and women build social representations that deepen gender inequalities, despite having their space in the evangelical community, especially women are still inferiorized.

Keywords: Woman; Representation; Identity; Religious Speech.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.2 Problema.....	11
1.3 Objetivos.....	12
1.3.1 Objetivo Geral.....	12
1.3.2 Objetivos Específicos.....	12
1.4 Justificativa.....	13
2 METODOLOGIA	14
3 REFERENCIAL TEÓRICO	18
3.1 Representações Sociais e Discurso Religioso.....	18
3.2 Papel da Mulher.....	24
3.3 Relação de Gênero.....	28
3.4 Violência Doméstica Contra a Mulher Evangélica.....	32
3.5 Análises das Identidades de Mulheres Evangélicas: IAD Sítio Caraúba.....	36
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICES	54

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo analisa a representação de identidade de mulheres no âmbito da Igreja Assembleia de Deus Doravante (IAD), a partir do Sítio Caraúba/Upanema - RN, abarcando também o discurso religioso sobre a constituição da identidade feminina, dialogando com vivências presentes na IAD na comunidade supracitada. Ao longo do tempo, são notórias as mudanças ocorridas no papel da mulher na sociedade, como mais abertura no mercado de trabalho, colocações em lugares de liderança etc, papel este que vive as sombras do patriarcado, onde o poder é representado pela figura masculina, autoridade do homem sobre a mulher no âmbito familiar e social, que delimita desde a antiguidade o sexo feminino como subjugado e inferior ao sexo masculino, porém percebe-se que com o passar do tempo e de cada contexto a mulher vem lutando por democracia e igualdade na sociedade e por meio de um caminho árduo de muitas lutas, vem ganhando cada vez mais o seu lugar por direito.

1.2. Problema

Como membro da IAD, percebo que o lugar da mulher nesse âmbito ainda é legalizado muitas vezes como a figura constituída nos tempos primórdios, um tempo totalmente patriarcal, onde a mulher era a dona de casa, a cuidadora da família, a que tinha a obrigação de ajudar o marido e cuidar dos filhos, muitas vezes suas características são estabelecidas desta forma por certa parte do corpo da igreja que ainda possuem pensamentos retrógrados sobre a mulher e seu papel na sociedade e na igreja. Esses pensamentos são recorrentes em falas e em ações exercidas por membros da IAD, que ainda enxergam a figura feminina na igreja de forma inferiorizada ou como aquela que é “o braço direito do marido”. É importante frisar que os membros da igreja, especificadamente os do sexo masculino, veem a mulher como fundamental na obra da Igreja, há respeito entre ambos os gêneros, porém o que se vê é que a figura feminina é ainda colocada como a coadjuvante, enquanto os homens se sobressaem como a figura mais importante na obra.

Quando refletimos sobre o lugar da mulher na igreja, sabemos que é ainda mais difícil vermos mulheres do contexto evangélico em cargos considerados maiores, como o de liderança, a forma como é pensada as relações de mulheres e homens no âmbito evangélico acaba privilegiando o sexo masculino, pautado em discursos e regimes de verdade, muitas vezes algumas igrejas acabam colaborando para que haja desigualdade num espaço onde deveria ser anunciado a igualdade entre todos.

No espaço cristão é notável que a figura feminina ainda é tida como coadjuvante e apesar de possuírem inúmeras capacidades assim como os homens, ainda é escasso a

ocupação das mulheres em altos cargos nas igrejas. Como problemática do presente estudo, trataremos a busca da compreensão de como se dá a representação de identidade social da mulher na IAD, uma vez que essa representação necessita ser analisada tanto pelos demais membros da IAD, como pelas próprias mulheres, para que estas percebam e entendam seu lugar neste espaço.

Partindo do pressuposto de que as mulheres dentro das igrejas possuem cargos com menos destaque do que os homens, como de ensino, trabalho de crianças e serviços gerais, veio a reflexão no que se refere ao papel da mulher dentro da igreja, tentando perceber porque as mulheres não possuem cargos tão significativos quanto os homens. A ausência de mulheres à frente dos trabalhos considerados masculinos, se dá muitas vezes pela própria aceitação das mesmas em ter papéis secundários, já que elas aprendem a se portar desta maneira em virtude do que ouvem de seus líderes, portanto incontestáveis, mas principalmente pela doutrina da própria igreja que separa os cargos das mulheres e dos homens, gerando muitas vezes desigualdades entre os sexos.

Com o intuito de responder a estas indagações que foram observadas no âmbito da Igreja Assembleia de Deus do Sítio Caraúba/Upanema - RN, se tornou de suma importância conhecer e compreender de que forma se dá a representação das mulheres neste espaço, sob o olhar da própria igreja, homens e mulheres.

1.3. Objetivos: Geral e Específicos

Objetivamos com nossa pesquisa de forma geral analisar a constituição de identidade de mulheres evangélicas na comunidade do Sítio Caraúba/ Upanema – RN, a partir da representação social, de gênero e do discurso religioso, como objetivos específicos nos delimitamos a compreender como as mulheres são vistas sob o olhar dos demais membros da igreja e sob a própria ótica da mulher, interpretar o discurso sobre a produção de identidades de mulheres evangélicas da IAD na comunidade do Sítio Caraúba/ Upanema – RN e fazer um levantamento de como se dá essa representação de identidade, numa perspectiva social, abrangendo o discurso religioso, tendo assim os resultados almejados ao término da pesquisa.

Nossas referências partem da perspectiva teórica discursiva no campo das Ciências Humanas e Sociais, a partir de autores que discutem: Representações Sociais (JODELET, 2001), Discurso Religioso (ORLANDI, 2005; PEDROSA, 2007), Identidades Sociais (HALL, 2006), Mulheres Evangélicas (VILHENA, 2010), dentre outros/as. Metodologicamente, utiliza-se o viés da pesquisa qualitativa interpretativa (GERHARDT; SILVEIRA, 2009), na

geração de dados por meio de questionários semiestruturados (AMARO; PÓVOA; MACEDO, 2005).

1.4. Justificativa

Nossa pesquisa possui ampla importância para o espaço cristão, especificamente para as mulheres, vemos a relevância de estar adentrando mais profundamente sobre a temática relacionada, pois assim compreenderemos o lugar da mulher dentro deste espaço e a representação do gênero exercida também no âmbito da IAD. Profissionalmente vejo a temática deste estudo, como um assunto notório e relevante, pois estaremos compreendendo melhor essa representação da mulher, podendo debater com domínio e de forma que abranja mais esferas e espaços.

De forma geral a temática possui relevância, tanto para as mulheres que fazem parte da IAD, como para as que não fazem, uma vez que trará a discurso um assunto que precisa ser compreendido e que é pouco discutido, para que os paradigmas e tabus sobre o lugar da mulher e sua representação de identidade sejam entendidos e quebrados, quando não entendemos sobre determinado tema, estamos sujeitos a ter compreensões equivocadas e distorcidas do seu verdadeiro conceito, por isso é de suma importância que entendamos o que a mulher representa no espaço que faz parte, para que ela própria perceba seu lugar e se desprenda de um modelo hierárquico que lhe mantém sempre em posição desigual por muitas vezes.

É evidente que as mulheres que fazem parte da IAD têm o seu papel dentro da obra, mas pelas análises pudemos perceber que ainda são papéis secundários dentro da igreja, enquanto os homens se destacam mais e estão sempre a frente. Por isso é de grande relevância buscar compreender como a mesma é vista sob o olhar dos membros da igreja e delas próprias, para que estas possam compreender essa representação feminina dentro da igreja.

O presente estudo é de total relevância pessoal, devido ao fato de ser mulher evangélica atuante da IAD, uma vez que poderei compreender o papel do sexo feminino no ambiente que faço parte, entendendo estas relações entre homens e mulheres e em como estas se dão partindo do viés do papel de ambos na igreja e do modelo discursivo que se encontra nesse espaço. É importante para o contexto acadêmico, pois ampliará a compreensão dos sujeitos acerca destas representações no âmbito das Igrejas Cristãs Pentecostais, tornando o assunto presente nas instituições acadêmicas, e contribuirá para que as próprias mulheres cristãs que frequentam o espaço acadêmico venham compreender sua própria representação dentro da igreja.

O referido trabalho se resume em introdução, problemática, objetivos, sendo eles geral e específicos, justificativa e metodologia, com essas primeiras laudas de início, objetivamos levar ao conhecimento de o porquê da pesquisa, especificando esta linha de estudo. Metodologicamente iremos trazer um levantamento qualitativo por meio de questionários, sobre a representação feminina na IAD e sua importância nesse espaço. Em demais traremos toda a organização das seções abordando os temas estudados, bem como apresentação e discussão dos resultados e por fim conclusão.

2. METODOLOGIA

Nossa abordagem se deteve a analisar a representação de identidade de mulheres evangélicas da Comunidade do Sítio Carauba, Upanema - RN. Nosso estudo partiu dos procedimentos metodológicos da Análise do Discurso em Orlandi (2001). Esse campo compreende o discurso do sujeito, a respeito do objeto de estudo, evidenciando aspectos sociais de identidade e representação, o discurso é a forma com a qual os sujeitos refletem e discorrem sobre determinado assunto, e por isso é fundamental compreender tais aspectos e seus sentidos, Orlandi (2001, p. 15) diz que “Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história.”

Foi de suma importância termos compreendido quais sentidos os sujeitos deram a identidade feminina no espaço cristão estudado neste trabalho, já que uma vez analisados e entendidos, os objetivos puderam ser almejados, assim ter analisado o discurso presente neste espaço, foi entender a maneira de como era compreendido o sentido identitário e representativo feminino da mulher evangélica.

[...] a primeira coisa a se observar é que a Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 2001, p. 15-16).

Com viés pautado no discurso, também trouxemos a análise do discurso religioso, abrangendo as relações de gênero exercidas no âmbito da igreja cristã, precisamente na IAD, instituição em foco nesta pesquisa, o discurso religioso aborda assuntos ligados ao sagrado de maneira mais informal, “aquele em que há uma relação espontânea com o sagrado” sendo, portanto, “mais informal” (PEDROSA, 2007, p. 40). Os fatos que engendraram este trabalho, nos permitiram a compreensão acerca das relações de identidade de gênero presentes na IAD, portanto partiram da análise do discurso de forma teórica e prática, como afirma ORLANDI

(2005, p. 66), “A análise do discurso tem um procedimento que demanda um ir-e-vir permanente entre teoria, consulta ao corpus e análise “.

Nossa análise partiu do discurso dos sujeitos que fizeram parte da nossa pesquisa, nos detemos a investigar quais representações discursivas os membros da IAD davam a mulher evangélica nesse âmbito, partindo do pressuposto do papel da mulher na esfera religiosa, e sobre como esses papéis eram refletidos pela igreja através de seus discursos sobre a representação de identidade da mulher evangélica.

Como métodos de pesquisa utilizamos a pesquisa qualitativa, que se caracteriza de acordo com GERHARDT; SILVEIRA (2009, p. 34).

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências.

A pesquisa qualitativa busca analisar e compreender as subjetividades, as percepções dos indivíduos sociais e por isso se tornou fundamental em nosso estudo, uma vez que levou em conta perceber a realidade inserida nas relações de gênero dentro da igreja e sua contribuição para a mesma, numa perspectiva social e real “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 34).

O que engendra os fatores sociais e como esses influenciam na vida dos sujeitos, a representação do que esses fatores podem ocasionar na forma como o ser humano se comporta, é um dos objetos de estudos da pesquisa qualitativa, “[...] preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc.” (LAKATOS; MARCONI, 2008, p. 269). A escolha da pesquisa qualitativa para nosso estudo foi pelo fato de que a mesma possibilitou maior liberdade nas respostas dos entrevistados, dando mais possibilidades nas respostas, não se limitando apenas a “sim e não”.

A pesquisa de cunho qualitativo e interpretativo, se deu no Sítio Caraúba, comunidade localizada na zona rural da cidade de Upanema – RN, especificamente na Igreja Assembleia

de Deus desta mesma comunidade, onde aplicamos questionários semi - estruturados com questões abertas e fechadas, os questionários foram aplicados tanto com membros do sexo masculino da igreja, como com as próprias mulheres, uma vez que se fez necessário a compreensão sob a ótica de ambos, de como se dá a representação de gênero na IAD, foram entrevistados 3 homens e 3 mulheres, de idades distintas para assim sabermos o que cada geração reflete a respeito da identidade feminina na IAD. Os participantes do sexo masculino possuem cargos na igreja de dirigentes de trabalho e auxiliares de trabalho.

Foram entregues aos participantes da pesquisa termos de responsabilidade, onde os mesmos assinaram como prova de validação da participação com responsabilidade. Também foram aplicados questionários, maneira de geração dos dados, os questionários foram entregues pessoalmente aos participantes da pesquisa, alguns responderam com nosso auxílio, uma vez que não possuíam escolaridade completa. Sobre o conceito de questionário.

Um questionário é um instrumento de investigação que visa recolher informações baseando-se, geralmente, na inquirição de um grupo representativo da população em estudo. Para tal, coloca-se uma série de questões que abrangem um tema de interesse para os investigadores, não havendo interação direta entre estes e os inquiridos. (AMARO; MACEDO; PÓVOA, 2004, p. 5).

A aplicação dos questionários abordou questionamentos sobre a identidade e representação feminina na Igreja supracitada, objetivando compreender como de fato se dá esta representação. Foram dois modelos de questionários com questionamentos distintos, para aplicação com o sexo feminino e masculino, de modo a compreender os discursos provenientes de ambos os sexos.

O questionário vislumbra resultados satisfatórios de maneira a levar apuração com maior segurança e veracidade “Requer a observância de normas precisas, a fim de aumentar sua eficácia e validade” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 72).

[...] o informante deve escolher uma resposta entre as constantes de uma lista predeterminada, indicando aquela que melhor corresponda à que deseja fornecer. Este último caso favorece uma padronização e uniformização dos dados coletados pelo questionário maior do que no caso das perguntas abertas.

Como forma de compreender a representatividade das mulheres na igreja num viés mais objetivo e sem muito contato físico, uma vez que estamos em meio a uma pandemia e se faz necessário tomar medidas para segurança de todos a escolha desse método de análise se deu pelo fato de serem uma forma de construção dos dados eficientes, o que facilitou no processo de computação dos resultados.

De início fizemos levantamento bibliográfico sobre as representações sociais e discurso religioso, trazendo principalmente a contribuição no campo da representação social de Jodelet (1989) e no campo do discurso contribuições de Orlandi (2001) e Terra (2018), entre outros. No tópico papel da mulher, trouxemos levantamentos de autores como Santos (2009) e Costa (2018). Em relação de gênero trouxemos contribuições de Araújo e Oliveira (2018) e Bandini (2015), entre outros autores.

Nosso estudo também trouxe levantamentos bibliográficos sobre a violência doméstica contra as mulheres cristãs e que em muitos casos não recebem apoio de seus líderes cristãos, trouxemos colocações de autores como Macedo (2020), Vilhena (2010) e Tederixe (2019). Também foram feitos levantamentos sobre a pesquisa realizada nesse estudo, percorrendo sobre os resultados almejados no que difere sobre a representação da mulher na IAD do Sítio Caraúba, trazendo a construção dos dados, expondo quais foram as representações que homens e mulheres deram as mulheres evangélicas.

No terceiro e último momento foram organizadas as informações coletadas a partir das pesquisas realizadas e aplicação dos questionários com os sujeitos, utilizando - se da ferramenta Microsoft Word, para construção das tabelas e organização dos resultados alcançados ao longo deste trabalho.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E DISCURSO RELIGIOSO

Daremos a definição de representações sociais, de acordo com Jodelet (1989, p. 5), “Reconhece-se, geralmente, que as representações sociais, como sistemas de interpretação, que regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais”. Para Azevedo; Prado (2011, p. 5095), “As representações sociais são parte da realidade (vista como grupal), ou seja, funcionam coletivamente (por meio de interações e comportamentos)”. É identificável que as representações sociais, nos fazem sujeitos capazes de intervir no mundo, é a forma como vivemos e como o outro nos enxerga socialmente.

Qual nosso lugar no mundo? O que representamos nele? Certamente são indagações corriqueiras que nos fazemos frequentemente e que fazem parte do processo de constituição social que estamos diariamente em processo, é necessário que saibamos nossa representação no mundo, afim de que compreendamos nosso lugar “Sempre necessitamos saber o que temos a ver com o mundo que nos cerca. É necessário ajustar-se, conduzir-se, localizar-se física ou

intelectualmente, identificar e resolver problemas que ele põe. Eis porquê construímos representações” (JODELET, 1989, p. 1).

A forma como nos posicionamos sobre determinado assunto, é a forma como construímos nossas representações, pois estas são formadas a partir de eventos do nosso cotidiano, a qual interpretamos e que geralmente nascem a luz do coletivo e a partir do que escolhermos, tomamos as nossas escolhas socialmente, dessa forma pode-se dizer que “[...] as representações sociais são fenômenos complexos sempre ativos e agindo na vida social” (JODELET, 1989, p. 4).

No processo de formação da identidade feminina, sempre existiram discursos sobre o lugar da mulher, que sempre foi marginalizada, colocada em segundo plano, esses contribuíram pejorativamente para que hoje ainda houvesse desigualdade de gênero em nossa sociedade, e é necessário fazer com que essas formas de pensar se modifiquem, pois, como diz Orlandi (1996, p. 37) “Nem os sujeitos, nem os sentidos, logo, nem os discursos já estão prontos e acabados “. Esta desigualdade impregnada desde os primórdios, se contrasta por diversos fatores, seja pela fala, nas relações impostas, fortemente hierarquizadas desde muito cedo, é uma gama de elementos que deram sentido ao que ainda hoje se estabelece na sociedade “Há circunstâncias que mostram que os sentidos não estão só nas palavras, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que são produzidos, não dependem só das intenções dos sujeitos “ (ORLANDI, 1996, p. 30).

Desde tempos primórdios, o sexo feminino sofre com a desigualdade de gênero, impregnada por uma sociedade machista que a coloca como inferior aos homens em inúmeros espaços e setores “A cultura patriarcal definiu à mulher um papel secundário nas diversas esferas sociais. Ao analisar a sua história, é possível perceber a origem desses estereótipos, que foram transmitidos de geração em geração, e que são predominantes em muitas religiões, inclusive nas religiões cristãs” (SANTOS et al, 2016, p. 609). Para a mulher ficou a responsabilidade de cuidar do lar e da família, ser dependente do homem e assim suportar várias humilhações e sujeições de seus parceiros e até mesmo da própria família. Como afirmam Sirelli; Souza (2018, p. 326 - 327).

Historicamente as mulheres sofrem com a naturalização e perpetuação de uma imagem inferiorizada, assimétrica em relação ao homem, que goza dos privilégios próprios da sociedade patriarcal. Tais imagens referenciam uma concepção de pertencimento da mulher à antigas normas de que a ela cabe o cuidado da família e do lar. Essa divisão não é aleatória - com a instauração da propriedade privada e a necessidade de herdeiros, a mulher perde a sua autonomia

e passa a existir em função da família: casar, gerar filhos e cuidar da casa, do marido e da prole, tornando-se uma extensão do homem.

Todavia, com o passar dos tempos, a mulher foi ganhando seu espaço e garantido seus direitos dentro da sociedade, passaram a ser mais do que donas de casa e cuidadoras da família, e a partir de muitas lutas e resistência, nos dias atuais elas são em muitos casos melhores do que os homens em vários espaços, o que evidencia que o sexo feminino não é frágil, tão pouco inferior ao sexo masculino, embora também saibamos que como consequência de um patriarcado forte socialmente, a mulher ainda em muitas situações tida como inferior “[...] algumas mulheres podem até conseguir sair dessa posição de inferioridade e algumas das vezes até serem louvadas por isso, mas na maioria das vezes devem permanecer como inferiores e respeitarem as imposições feitas por esse modelo, o patriarcado” (SANTOS et al, 2016, p. 610).

Ser mulher vai além do sexo feminino, e dos conceitos adquiridos ao longo do tempo, principalmente pelo patriarcado, sob a qual esteve subjugada durante séculos, ser mulher deve ser algo mais complexo, pois compreende uma história de luta, desafios, preconceitos, desigualdades, violência, desrespeito, que surge desde quando nascem até o fim de suas vidas.

Ainda que definidas pelo sexo, as mulheres são algo mais do que uma categoria biológica; elas existem socialmente e compreendem pessoas do sexo feminino de diferentes idades, de diferentes situações familiares, pertencentes a diferentes classes sociais, nações e comunidades; suas vidas são modeladas por diferentes regras sociais e costumes, em um meio no qual se configuram crenças e opiniões decorrentes de estruturas de poder. (TILLY, 1994, p. 31)

Essas singularidades que a mulher foi ganhando ao longo do tempo, foram impostas para que estas se sentissem menos que os homens e as colocassem em dependência destes, sem questionar, apenas obedecendo o que a sociedade estabelecia, dando poder ao homem, enquanto a mulher cabia apenas a sujeição “é característico do regime patriarcal, o homem fazer da mulher uma criatura tão diferente dele quanto possível. Ele, o sexo forte, ela o fraco; ele o sexo nobre, ela o belo” (COSTA; SILVA apud FREYRE, 2014, p. 2).

Ao passar do tempo, e das transformações ocorridas na sociedade a mulher passa a lutar por mais espaço de igualdade, cabe ressaltar que todo o progresso conquistado pelas mesmas foi resultado de muitas lutas e resistências, embora sua participação ainda se restrinja em alguns espaços, é notório o quanto houve avanço na participação da mulher na sociedade, nenhuma foi fácil, muitas delas tiveram que perder suas vidas, para que hoje as demais pudessem ter seus direitos assegurados.

As lutas das mulheres nos últimos anos têm afirmado sua cidadania, o progresso é visível, a busca pelo reconhecimento como sujeitos sociais de direito, muitas conquistas foram alcançadas nos últimos tempos, desde o reconhecimento do seu voto. Ainda que a participação das mulheres na esfera pública seja restrita, suas conquistas são motivos de orgulho, pois alcançaram grandes espaços de decisões, influenciando nas políticas públicas, ocupam espaço antes somente ocupado por homens, trabalham como eles e ainda realizam suas tarefas tradicionais. (COSTA, 2018, p. 4)

As lutas, que deram início com os movimentos sociais, onde o sexo feminino passou a enxergar que unindo suas forças, poderiam sair daquela condição de inferiorização ao qual estavam há séculos submetidas e poderiam superar, através das lutas estes desafios impostos socialmente “[...] entre submissão, resistência e desafios, a mulher tem unido forças na superação dos conflitos provenientes dessa relação, buscando mudança social através dos movimentos sociais pelos seus direitos de cidadania e de representações nos espaços sociais”. (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2018, p. 1)

Hoje é notável o quanto as mulheres conseguiram ganhar seu espaço, mas também é visível que ainda necessitam lutar por mais igualdade, pois apesar de ter uma história marcada por grandes conquistas, ainda em tempos atuais esse gênero sofre com as consequências do patriarcado.

Apesar de estarmos no século XXI, ainda é nítido o quanto o patriarcado deixou marcas na forma como a mulher é caracterizada atualmente, em frases como “já pode casar”, “deve ficar em casa, cuidando dos filhos”, entre outras, é ainda verbalizada que a mesma é inferior ao homem, mas as mulheres veem tentando mudar esses paradigmas e formas de pensar, deixando para traz um papel que já não é o mesmo, uma vez que hoje elas podem ocupar os lugares que quiserem.

Devido às mudanças ocorridas ao longo dos anos na vida da mulher tanto no sentido profissional quanto no pessoal, a mulher hoje em dia tem sido mais independente, mudando os hábitos que lhes eram impostos pelo marido, sociedade e pela própria família, onde a sociedade impulsionava os pais a ensinarem às mulheres, desde pequenas, que elas deveriam casar-se para cuidar dos filhos, da casa e do marido. (ANDROSIO; COSTA, 2010, p. 2)

Definir o sujeito mulher não é sobre uma questão biológica mas social é definir a força, coragem, determinação, é mais do que as denotações biológicas denominam, é mais do que a sociedade caracteriza, pois ser mulher vai além de tudo aquilo que hoje conhecemos, abrange inúmeros acontecimentos, percas, sacrifícios que deram as mulheres de hoje, espaço, vez, voz e conquistas que precisam ser valorizadas e conhecidas, para que não fiquem no

esquecimento, mas sejam símbolo de reconhecimento e uma forma de homenagear todas as mulheres.

Na perspectiva de Terra (2018, p. 1099), o discurso religioso se define como “[...] os discursos da religião são propostas de compreensão e significação do mundo. Neles encontramos, para além da realidade “bruta”, a mediação da linguagem religiosa”, percebe – se que para o autor o discurso religioso traz uma significação daquilo que não se pode ver, é como uma ligação entre a real e o que não é. De acordo com Orlandi (2001, p. 242) “A noção de discurso religioso é “aquele em que fala a voz de Deus: a voz do padre – ou do pregador, ou em geral, de qualquer representante seu – é a voz de Deus”. Para Orlandi o discurso religioso é a voz das autoridades cristãs aqui na terra, é como se essas vozes fossem um canal de Deus para outras pessoas.

O discurso religioso, como vimos acima tem suas particularidades e tem como principal característica, ser a voz de Deus, é uma forma de relato sobre as fundamentações baseadas no altíssimo, sua palavra, suas características, desta forma é possível identificar que o discurso religioso, traz toda a linguagem da religião, o que pode vir a ser visto como algo positivo ou não, dependendo do olhar de cada sujeito, “As linguagens da religião, desse modo, deixam de ser uma distorção do “real” ou ideologia alienante, como se essas fossem sempre obstáculos para o acesso direto e crítico à realidade – seja para legitimar opressão ou animar a esperança dos oprimidos”. (TERRA, 2018, p. 1086).

O discurso religioso baseia-se na Bíblia, é fundamentado nas escrituras e por isso é uma forma de confirmação de algo da parte de Deus, “No discurso religioso, esse texto base é a Bíblia. O recurso do intertexto (os excertos bíblicos) vem outorgar autoridade à fala do locutor, que, com isso, garante maior aprovação, maior aceitação e conformação às palavras de Deus”. (COSTA; SILVA, 2011, p. 131). No discurso religioso é nítido que a importância é dada a voz de Deus e a sua palavra, desta forma se torna inquestionável, uma vez que a palavra de Deus é para o cristão a voz de Deus, se tornando assim indispensável para uma vida cristã pautada em obediência e retidão.

Quando nos remetemos à representação feminina no discurso religioso, nos vemos de imediato o texto bíblico, aqui podemos relacionar como o interdiscurso uma vez que segundo Orlandi (2012, p. 33) “o interdiscurso é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”. Alguns líderes cristãos e estudiosos da Bíblia fazem muitas vezes representações distorcidas do que Deus quer das mulheres e a importância que Ele dá as mesmas e que assim como o homem, a mulher tem valor perante Deus. A partir destes

discursos os fiéis podem ser levados a pensar e da mesma forma que seus líderes, já que para estes seus líderes são exemplos a serem seguidos, como afirma Martis; Oliveira (2017, p. 988) “Logo, perpassa por ele os pressupostos religiosos que, com o poder do discurso, moldam as crenças e atitudes dos/as seguidores/as”. Desta forma é o discurso dos líderes religiosos que moldam a forma como os membros refletem sobre aquilo que envolve a igreja.

Podemos não nos dar conta muitas vezes de que alguns líderes religiosos nos fazem acreditar que determinada forma de pensar é a correta, “seria a que Deus concorda” e acabam que legitimando desigualdades entre os fiéis, colocando em primeiro plano interesses de determinado grupo, enquanto os demais grupos são levados a aceitarem suas formas de pensar “A manipulação é nessa perspectiva ilegítima “porque (re)produz ou pode (re)produzir desigualdade: ela serve aos interesses dos grupos dos poderosos e seus falantes, e fere os interesses dos grupos e falantes menos poderosos” (MARTINS; OLIVEIRA apud DIJK, 2015 p.239).

A partir destas indagações, podemos perceber que são as formas que os discursos são compreendidos que dão significado a forma como podemos compreender ou não sobre determinado assunto, e tratando dos discursos sobre a mulher que dão em muitos casos sentidos distorcidos, a maioria deles são para passar uma ideia de que o homem tem poder sobre a mulher e esta deve ser submissa as suas imposições “No discurso religioso, a mulher é oprimida pela sociedade patriarcal e assujeitada ainda mais à opressão[...]” (SANTOS et al, 2016, p. 1570).

Em muitos casos aqueles que são representantes de Deus aqui na terra, proferem ideias sobre papel de homem e mulher na igreja de maneira que os membros subentendam que estes têm valores diferentes diante de Deus, estão legalizando a desigualdade e reproduzindo discursos que dão a mulher papel inferior aos homens, “[...] o discurso proferido por um líder religioso, representante de Deus aqui na Terra, incentiva a reprodução de estereótipos, conduzindo a figura feminina à submissão, fortalecendo a ideia de que a mulher é hierarquicamente inferior ao homem, [...]” (SANTOS et al, 2016, p. 1570).

Ao contrário do que é discursivizado por determinados cristãos, Deus não criou a mulher para ser subjugada ou inferior ao homem, mas sim para ter os mesmos valores e mesma importância diante Dele, no livro de I Coríntios 11:11 – 12, a palavra de Deus diz que homens e mulheres têm a mesma importância, uma vez que um não existiria sem o outro, podemos relacionar o texto do Apóstolo Paulo com o interdiscurso em Orlandi (2012), “já que, é o que já foi dito que causa efeito hoje”, “No Senhor, todavia, a mulher não é

independente do homem nem o homem independente da mulher. Pois, assim como a mulher proveio do homem, também o homem nasce da mulher. Mas tudo provém de Deus”. Em Gênesis 1:27 – 28, versão Publicada a Almeida Revista e Corrigida, podemos constatar que tanto os homens como as mulheres foram criados a imagem e semelhança de Deus, feitos para representar a Glória do Senhor na terra. “E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra”. Nessa passagem está totalmente explícito a importância que a mulher juntamente com o homem tem diante de Deus, a mulher assim como o homem foi criada como representação de Deus, ambos têm poder sobre tudo que Deus fez, esse é o verdadeiro significado do discurso sobre a mulher e que muitos não o fazem saber, Deus ama e valoriza sua criação e não fez a mulher pra ser menor ou maior que o homem, mas para ser igual.

Com nossa pesquisa vislumbramos alguns discursos sobre a representação da mulher na igreja, partindo de questionamentos realizados com os membros do sexo masculino da igreja. Os sujeitos que participaram da pesquisa, estão numa faixa etária de 30 a 70 anos, vale ressaltar que nosso trabalho não abrangeu as relações raciais, contudo é uma discussão para estudos futuros pois a discussão sobre mulheres abrange diversas condições, de classe, gênero e raça na transformação social e combate às opressões.

Vamos nos remeter a cada um dos participantes como PARTICIPANTE 1 (Idade entre 30 a 50 anos), PARTICIPANTE 2 (Idade entre 55 a 70 anos) e PARTICIPANTE 3 (Idade entre 30 a 50 anos), para assim melhor explicitar as respostas de cada um deles de acordo com a idade. Na tabela 1, objetivamos analisar quais principais características os homens atribuíram a mulher evangélica, a partir de suas discursividades.

Tabela 1. - Principais características atribuídas a mulher cristã.

<i>PARTICIPANTE I</i>	<i>PARTICIPANTE II</i>	<i>PARTICIPANTE III</i>
<i>Dedicada, responsável, paciente e sábia.</i>	<i>Sábia, cuida bem da família, prudente, comportada.</i>	<i>Uma mulher sábia, temente a Deus.</i>

(Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2021)

Apesar do discurso ser pessoal de cada um dos participantes, é notável a semelhança das respostas, por isso percebe – se que o raciocínio dos homens é quase que unânime em relação a mulher evangélica, notamos que as representações dadas as mulheres remetem

aquelas que as mesmas deveriam ser caracterizadas em tempos de outrora “[...] as práticas constituídas por campos discursivos particulares, muitas vezes, podem contribuir (ou não) para a reverberação de ideologias de dominação e opressão hegemônicas que fortalecem as questões de desigualdades instanciadas na sociedade.” (MARTINS; OLIVEIRA, 2017, p. 990), ou seja, a identidade outorgada a mulher pelos homens provém de um sistema que é totalmente patriarcal e conservador e que continua evoluindo neste espaço, fortalecendo as desigualdades, “Assim, a perpetuação deste sistema de visão dominante deve-se a estruturas que vão sendo incorporadas nas coisas e corpos ao longo dos tempos”. (GOUVÊA NETO, 2015, p. 79).

3.2 PAPEL DA MULHER

Ao longo do tempo e das mudanças ocorridas com o passar dos séculos, percebemos que o papel da mulher vem se alterando na sociedade, nos tempos primórdios, séc. XVI especificamente, que os direitos eram totalmente desiguais, o sexo feminino era completamente inferior ao sexo masculino, enquanto este a dominava e impunha suas exigências, a mesma tinha que aceitar e se manter no lugar de inferior e submissa, seja pelos homens da casa, pai, irmãos ou pelo seu marido ao se casar, onde suas principais responsabilidades eram basicamente, servir ao seu marido e cuidar da casa e dos filhos “A inferioridade da razão era um fato incontestável bastando cultivá-la na medida necessária ao cumprimento de seus deveres naturais: obedecer ao marido, ser lhe fiel, cuidar dos filhos” (SANTOS, 2009, p. 3).

Essa condição de submissão e inferioridade perpassou-se por muito tempo, à medida que iam acontecendo modificações na sociedade o papel da mulher também se alterava, mas sempre se mantinham os papéis de servidão ao homem e a família, gerando papéis distintos entre ambos os sexos, onde um detinha o poder sobre o outro.

Em meio as desigualdades que foram sendo impostas pelo patriarcado que por um longo tempo deteve o poder sobre as mulheres, foram surgindo mulheres que não aceitavam os papéis que lhe eram outorgados e que sabiam que poderiam ser além do que esposas e mães, passaram a lutar por mais direitos e igualdade que dantes não recebiam da sociedade, sociedade machista que não aceita no primeiro momento a ideia de mulheres terem papéis de igualdade com os homens, era como uma desobediência e muitas destas mulheres que tentavam mudar este cenário, sofriam opressão e eram tachadas pejorativamente como vulgares, mas ao não aceitar a forma como os papéis eram exercidos e indo contra o sistema, deram início a luta urgente contra a desigualdade entre homem e mulher.

Assim afirma Costa, (2018, p. 6):

A luta contra a desigualdade de gênero, a discriminação, o preconceito e toda forma de opressão as mulheres tem relação íntima com a reprodução do sistema capitalista no âmbito privado; a luta de classes expressa em nossas relações cotidianas quando estabelecemos os papéis que cada um deve exercer. Nossas demandas são urgentes e a ruptura com o patriarcado significa romper com as estruturas capitalistas que propiciam a continuidade dessa opressão as mulheres.

Enquanto as mulheres nas ruas lutavam por papéis igualitários entre homens e mulheres na sociedade, na igreja os papéis estabelecidos se acentuavam cada vez mais, a mulher continuava sendo na igreja aquela que auxiliava seu companheiro na obra, a que era responsável pela organização da igreja e era mediadora entre as mulheres da mesma, enquanto em casa suas obrigações continuavam as mesmas, cuidar da família.

A postura da mulher assembleiana é uma postura na qual essa mulher assume o papel de submissão, e essa submissão para os membros da AD é considerada benéfica. No domínio de auxiliadora (ajudadora), essa mulher aprende a ser a protetora, é ela que irá mediar o contorno do seu lar, pois de acordo com os seguimentos da igreja, essa mulher precisa ser sábia²⁶, o suficiente para ser a adjutora idônea de sua família. Sendo assim a mulher tem o papel de organizar e auxiliar o homem; dentro da visão assembleiana o homem é o responsável por prover todas as aspirações da sua família. (MARQUES, 2017 p. 64).

Os papéis da mulher na igreja não sofreram tantas mudanças ao longo do tempo, e isso se dá pelo fato de neste espaço ainda existir grande influência do patriarcado, exercido por autoridades cristãs que usam a palavra de Deus como ferramenta para fortalecer desigualdades de papéis na igreja. Os papéis delimitados as mulheres evangélicas quase sempre estão voltados para duas direções, aquelas que são membros da igreja e exercem seu trabalho na mesma e a mulher que é esposa do pastor, sobre essas particularidades (Oliveira 2017, p. 2288) diz que “A questão da Mulher na Igreja, ou melhor o quesito Mulher e Igreja, nos aponta duas direções: primeiro, a mulher, em geral leiga e que atua na Igreja; e, segundo a Mulher que é casada com o Pastor”.

Em relação aos lugares ocupados pelo sexo feminino na igreja, a tabela 5 de nossa pesquisa com o sexo feminino, com o primeiro questionamento realizado com as mesmas, vem trazendo os cargos que estas ocupam, onde acaba que a própria mulher se delimita. Também tratamos as participantes como PARTICIPANTE 1 (Idade entre 55 a 70 anos), PARTICIPANTE 2 (Idade entre 30 a 50 anos) e PARTICIPANTE 3 (Idade entre 15 a 25 anos).

Tabela 5. Cargos na igreja. Líder de departamento; Regente de conjunto; Dirigente de trabalho; Membro de conjunto; Auxiliar de trabalho.

<i>PARTICIPANTE I</i>	<i>PARTICIPANTE II</i>	<i>PARTICIPANTE III</i>
<i>Dirigente de trabalho; Membro de conjunto.</i>	<i>Membro de conjunto.</i>	<i>Líder de departamento; Regente de conjunto; Membro de conjunto.</i>

(Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2021)

Todas as mulheres participantes da pesquisa possuem cargos na igreja, o mais interessante é que a opção auxiliar de trabalho, ou seja, auxiliar em funções diversas na igreja como porteiros, secretários, tesoureiros, etc, causou certa estranheza em estar na lista que elas poderiam selecionar, já que na Igreja Assembleia de Deus é um cargo considerado masculino aos olhos dos sujeitos atuantes.

Podemos perceber que as próprias mulheres não se veem em cargos maiores e contribuem para que as mesmas permaneçam em seus lugares, sem que haja espaço para mudanças, desta forma ela acaba concordando com a maneira com que os papéis de homens e mulheres são determinados não só na igreja, mas em casa e na sociedade em geral, como diz Miranda (2009, p. 29), “Essa mulher que cala e consente, seja dona de casa ou não, ao silenciar e não atuar política e economicamente está fortalecendo a situação de discriminação em que vive e permitindo que as desigualdades cresçam”. Vale ressaltar que o problema da mulher se colocar desta forma não é dela mesma, mas da sociedade em si, que é machista e patriarcal. Neste sentido, a mudança deve partir de toda a sociedade, pois igualdade de gênero é democracia.

Os papéis que as mulheres evangélicas recebem, são muito delimitados sejam pelos homens ou por elas mesmas, estes papéis quase sempre se interligam com o papel dado em seu lar, o de dona de casa e dedicada a família, são formas de pensar e agir que se iniciam nos seus próprios lares, mas que também estão presentes na igreja, usados por alguns líderes cristãos, “Na busca por situar – domesticar – a mulher em seu aparente destino – o de ser dona de casa e se dedicar exclusivamente ao marido e aos filhos – as instituições religiosas utilizam, além do discurso bíblico, reuniões e cultos voltados especificamente às mulheres”, [...]. (CASAGRANDE; FREITAS, 2013, p. 4).

Esse papel secundário dado a mulher evangélica, tem suas raízes fundadas em uma forma de sociedade que desde o início é influenciada por interesses androcêntricos, onde

aquilo que o homem pensa, é a forma que melhor se adequaria a sociedade, essa linha de pensamento ainda é em muitos setores a que norteia a forma como os sujeitos pensam e agem, onde o cristianismo por muitas vezes se firma, dando lugar a desigualdade entre homens e mulheres e designando a ambos papéis que são pautados em modelos patriarcais.

Como afirma Daébs, (2005. P. 6):

Entendemos, pois, que o lugar da mulher na igreja, sempre foi muito mais designado pela construção sócio-cultural, do que pelos princípios do cristianismo, que a rigor não faz distinção entre homens e mulheres, nem na remissão dos pecados nem no serviço à igreja. Todavia, temos norteado nosso comportamento muito mais, pelos interesses de poder patriarcal, que na vivência de princípios que nos torne menos desiguais.

A desigualdade dos papéis entre homens e mulheres é algo social e que vem tendo transformações significativas, porém dentro das igrejas cristãs, algumas coisas ainda continuam a se manter, é certo que a igreja tem sua doutrina e formas de organização e assim como na sociedade há divisões de trabalho, mas a desigualdade de papéis nas igrejas cristãs é algo que encontra dificuldade de mudança, “A sociedade construída a partir da base androcêntrica ratifica de forma simbólica a dominação masculina e a partir dela constrói toda uma divisão social entre os sexos”. (GOUVÊA NETO. 2015, p. 75).

O espaço da mulher na igreja ainda é muito reduzido, geralmente a esta compete trabalhos voltados somente para as próprias mulheres, crianças e auxiliar de seu companheiro, papéis definidos de modo a afirmar que os interesses masculinos continuam a se propagar ainda nos tempos atuais.

Na tabela 3 de nossa pesquisa realizada com o sexo masculino, podemos ver claramente que para estes os cargos que as mulheres poderiam ocupar na igreja são muito delimitados, justamente por causa do sexo.

Tabela 3. - Cargos que as mulheres poderiam ocupar na igreja: Auxiliar de trabalho; Diaconisa; Missionária; Pastora.

<i>PARTICIPANTE I</i>	<i>PARTICIPANTE II</i>	<i>PARTICIPANTE III</i>
<i>Auxiliar de trabalho; Missionária.</i>	<i>Auxiliar de trabalho; Diaconisa; Missionária.</i>	<i>Auxiliar de trabalho; Diaconisa; Missionária; Pastora.</i>

(Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2021)

Os cargos aqui mencionados são os trabalhos que homens e mulheres tem na igreja e que são escolhidos pelo pastor. Nesse discurso podemos perceber que o exercício de liderança, ou seja, de pastora não faz parte dos papéis que as mulheres podem exercer na igreja, apenas um dos participantes marcou a opção pastora, ou seja aquela que pode liderar uma denominação cristã, que pode ser líder de uma Igreja e tomar as decisões mais importantes da mesma, é uma realidade que se encontra distante nas Igrejas Pentecostais, embora muitas denominações cristãs já estejam ordenando mulheres como pastoras.

⁽¹⁾ Nos Estados Unidos, a Igreja Presbiteriana dos USA, a Igreja Episcopal dos USA, a Igreja de Cristo Unida, a Igreja Metodista Unida, a Igreja Reformada na América, a Igreja Evangélica Luterana na América, a Igreja dos Irmãos, e a Igreja Cristã (Discípulos de Cristo) são somente um pouco das muitas principais denominações que ordenam mulheres como ministras e as encorajam a servir como pastoras e bispas de congregações locais. (COSTELLA, 2001, p. 1)

Quando refletimos que os líderes cristãos são todos homens, compreendemos que se torna um desafio vermos mulheres ocupando maiores cargos neste espaço, uma vez que são regidos de normas conservadoras e que se fundamentam em compreensões equivocadas do texto bíblico, e em fundamentos de outro tempo, onde a sociedade era patriarcal e o homem tinha total domínio sobre a mulher, diferente dos dias de hoje, em que a mulher conseguiu alcançar os mesmos direitos que o homem em muitos setores, porém ainda podemos ver resquícios de desigualdade. Como afirma Castro; Santos; Santos. (2018, p. 12).

Apesar das conquistas do público feminino no concernente ao direito ao voto, à inserção no mercado de trabalho, a poderem optar em decisões referentes aos seus corpos mesmo de maneira parcial, e, ainda, aos avanços trazidos pelo aparato jurídico o qual visa à proteção do público feminino em âmbito mundial e nacional, tem-se que as formas de opressão e subordinação da mulher pelo homem apenas tomaram novas formas, se diferenciando das anteriormente existentes, contudo permanecem presentes na sociedade.

Apesar do homem enxergar a mulher fundamental na igreja, ela não é tão importante como este, percebemos claramente neste questionamento, em que a maioria das opções escolhidas estão abaixo dos cargos que os homens possuem na igreja.

3.3 RELAÇÃO DE GÊNERO

Socialmente a relação de gênero é regida por uma hierarquia que remete formas distintas de representações entre homens e mulheres, essa relação denota para ambos os sexos maneiras de viver em que um sexo é subordinado por outro, ou seja, a mulher é neste caso tida como subordinada do homem, tendo menos privilégios do que este na sociedade, gerando consequências físicas e sociais.

Araújo; Oliveira, (2018, p. 2), afirmam que:

Falar sobre gênero suscita discussão e debates, pois, inclui sujeição feminina e superioridade masculina na vida social e nessa relação de papéis a mulher é vista de forma submissa, subalternizada e discriminada pela sociedade, gerando impactos na saúde e representatividade da mulher.

Essa visão que coloca até hoje a mulher na condição de inferioridade, torna as relações sociais desiguais, enquanto ao homem são refutadas significações de poder e superioridade, a mulher recebe o lugar de inferioridade e submissão, tornando-se vítima de uma forma de modelo social que ainda não superou a fato de que a mulher do século atual, não é a mesma de séculos atrás e que por meio de lutas, está saindo desta relação de desigualdade em que foi colocada e tendo os mesmos direitos que os homens, “E entre submissão, resistência e desafios, a mulher tem unido forças na superação dos conflitos provenientes dessa relação, buscando mudança social através dos movimentos sociais pelos seus direitos de cidadania e de representações nos espaços sociais”. (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2018, p. 1).

Estas relações de poder entre os gêneros femininos e masculinos se acentuam ainda mais nas igrejas, lugar onde a hierarquia encontra mais poder, sendo algo constituído por homens que acreditam que esta é a forma correta, reproduzindo relações de desigualdade entre os sexos, Bandini apud Souza; Lemos (2015, p. 1413), diz que “[...]a tradição cristã ocidental não somente produz e reproduz a hierarquia dos sexos, como sacraliza os papéis socialmente construídos para os homens e mulheres cristãos e cristas”. Na igreja cristã, a desigualdade de gênero toma forma na maneira como os sujeitos se relacionam baseados na palavra de Deus, que segundo os líderes cristãos, separa os papéis de homens e mulheres e delimita suas posições dentro da obra do Senhor, formando relações que dão a ambos lugares de poder e lugares de subordinação, apesar de vê - las como figuras importantes neste espaço, essa importância se delimita a que o homem recebe.

Na tabela 2, da nossa pesquisa com o sexo masculino, podemos ver essa importância que os homens atribuem a mulher, porém ao longo da pesquisa percebemos que essa visão vai se modificando à medida que os questionamentos vão sendo realizados.

Tabela 2. - Importância do trabalho da mulher na obra da igreja.

<i>PARTICIPANTE I</i>	<i>PARTICIPANTE II</i>	<i>PARTICIPANTE III</i>
<i>É fundamental, sem a mulher a obra estaria incompleta, Deus</i>	<i>Ela é muito importante, ela faz suas funções muito bem, é muito</i>	<i>A mulher dedicada na obra é um exemplo pra toda a Igreja e uma</i>

<i>criou o homem e a mulher porque os dois são importantes.</i>	<i>competente.</i>	<i>bênção na casa do Senhor.</i>
---	--------------------	----------------------------------

(Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2021)

Nestas discursividades, há diferença na forma como a mulher é importante na igreja, interpretamos que para o homem a mulher é muito importante assim como o homem, é uma relação que há respeito e admiração pelo trabalho das mesmas exercem na Igreja, assim neste discurso compreendemos que na visão destes homens, a representação do trabalho da mulher é indispensável.

Em tese podemos afirmar que os efeitos de sentido que os participantes produzem em relação as mulheres evangélicas constroem identidades, colocando – as em posições sujeitos de igualdade com o homem, principalmente na visão de um dos participantes quando diz que “*Deus criou o homem e a mulher porque os dois são importantes*”, fazendo o interdiscurso com o discurso do texto bíblico em I Coríntios 11:11 – 12 “No Senhor, todavia, a mulher não é independente do homem nem o homem independente da mulher. Pois, assim como a mulher proveio do homem, também o homem nasce da mulher. Mas tudo provém de Deus.”

A determinação de valores que a mulher carrega dentro das igrejas cristãs esta assujeitada a maneira como os líderes religiosos associam a mulher dos dias atuais com aquelas dos tempos antigos em que fala na Palavra de Deus, a mulher que muitas vezes era reprimida até mesmo pelos discípulos de Jesus, mas ao contrário do que a maioria pensava o Senhor dava a mesma importância as mulheres em relação aos homens e levantou muitas mulheres para serviços considerados masculinos naquele tempo.

Como garante o discurso bíblico em Juízes cap. 4, versículos 8 e 9:

Então Baraque lhe disse: “Se você for comigo, eu irei; mas, se você não for comigo, eu não irei.” Ela respondeu: “Certamente irei com você. Mas essa campanha militar não lhe trará glória, pois será nas mãos de uma mulher que Jeová entregará Sísera.” Então Débora se levantou e foi com Baraque a Quedes.

O homem hierarquizou a igreja com ideais que se associam ao machismo e as formas que eram impostas no tempo em que a soberania era do sexo masculino sobre o feminino, mas é totalmente o oposto das ideias que foram pregados pelo Senhor, Ele não faz separação entre gênero e nem vê a mulher como inferior ao homem, enquanto muitos líderes distorcem sua palavra e apregoam uma igreja que tem o homem como o centro e a mulher sua auxiliar, colocando os demais membros a pensarem e agirem como eles próprios, basta repararmos

algumas ações e falas de cristãos no âmbito da igreja, que até sem perceber compartilham a diferença entre homens e mulheres e o pior, a maioria das mulheres acabam aceitando essas colocações, “Na AD a mulher do pastor não é chamada pelo nome, e é comum vermos membros da Igreja chamando - a por: a mulher do pastor. E na maioria das vezes é aceito pela própria pastora, pois ser a mulher do principal líder lhe convém status”. (MARQUES, 2017, p. 65).

Apesar de sabermos que a estrutura social vem sofrendo alterações com o passar do tempo e que houveram muitos avanços em relação a forma como o gênero feminino é visto socialmente, é notável que na maioria das igrejas especificamente de certa forma estagnou-se modos de pensar dos tempos arcaicos, onde a mulher cabe o lugar secundário, sempre de menor hierarquia do que os homens, Miranda (2009, p. 16), diz que “O contexto é de se repensar as relações entre os sexos, uma vez que os direitos femininos avançaram. Mas é oportuno destacar que, na prática, a mulher ainda é excluída de espaços de liderança institucional e das funções hierárquicas de maior posição”.

Na tabela 4 do último questionamento da pesquisa com o sexo masculino, está totalmente explícito que na visão da maioria dos homens o cargo de pastora é algo que a mulher não deve exercer.

Tabela 4. - Visão do homem sobre a mulher ser pastora de igreja.

PARTICIPANTE I	PARTICIPANTE II	PARTICIPANTE III
<i>De acordo com a doutrina, não é certo a mulher ser pastora.</i>	<i>Se tiver pastor, ela não pode ser, mas se não tiver, ela pode ser.</i>	<i>Direitos iguais, pois para pregar a palavra de Deus sexo não define.</i>

(Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2021)

Nesta última discursividade, podemos ver que na visão masculina ser pastora é como se “fosse demais”, ou seja ter um papel de liderança, gera certa indiferença, embora existam igrejas que aceitam, a maioria das denominações cristãs ainda rejeitam essa ideia, embora estejamos numa época onde a mulher esta em lugares de liderança em inúmeros setores.

Como afirma Miranda, (2009, p. 58):

Ao compararmos a mulher atual com a do passado, percebemos inúmeras transformações no seu comportamento e na sua atuação na sociedade. Notamos que elas não estão mais sendo educadas exclusivamente para o lar e estão exercendo cargos antes garantidos aos homens, evidenciando a reformulação de valores e condutas.

A maioria dos discursos com afirmam que a mulher não pode ser líder, seja pela doutrina ou porque não pode estar em papéis de liderança, o que mostra uma visão que é na grande maioria um reflexo da conjuntura patriarcal ao qual estamos inseridos, sem abrir reflexão para outros pontos de vista, mas uma resposta se diferenciou das demais, o último participante mencionou direitos iguais em relação a mulher poder ser pastora, vale salientar que o mesmo tem faixa etária de 30 a 50 anos, uma geração considerada jovem e que parece estar mais aberta a mudanças na Igreja. Apesar de uma resposta ser a favor da mulher conquistar espaço de liderança na igreja, a maioria não enxerga esse lugar para a mulher, havendo uma divisão nas formas de reflexão.

Os usos e costumes acarretam hoje na IEAD uma separação entre os que concordam e os que não concordam, como citado a Igreja fica dividida entre membros que acompanham a modernização desses usos e costumes e aqueles que não acompanham e que jamais aceitarão que a Igreja passe a mudar diretamente a doutrina dos estatutos. (MARQUES, 2017, P. 71)

Aqueles que acompanham o avanço da sociedade acreditam que a mulher pode estar em lugares cargos maiores na igreja, porém a grande maioria ainda se mantém em pensamentos de que o lugar de pastor não deve ser dado a mulher, mantendo a figura feminina numa condição inferior ao homem, embora estejamos em outra conjuntura social.

A relações entre gêneros nas igrejas é algo que parece indiscutível, os anos se passam e as denotações dadas a mulheres e homens continuam as mesmas de tempos passados, há necessidade de abrir reflexões no sentido de colocar ambos os sexos em igualdade na igreja, de não haver tantas separações, desta forma a igreja que hoje na maioria das vezes produz a desigualdade, promova maior igualdade entre homens e mulheres, colaborando para uma igreja futura mais aberta a estas transformações.

3.4 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER EVANGÉLICA

Os padrões dominantes de nossa sociedade, pautado na cultura androcêntrico, desde muito tempo impõem suas regras na sociedade, sociedade esta que atende a estas regras e acaba escolhendo e privilegiando certo grupo social, enquanto os demais acabam sendo subjugados e se tornando “menos importantes” do que estes, por estes e outros motivos o sexo masculino por muito tempo foi colocado culturalmente num patamar acima em relação ao sexo feminino, sobre esta relação afirma Vilhena (2010, p. 1) “No aspecto relacional entende-se que os comportamentos feminino e masculino são definidos pela cultura, ou seja, cada sociedade, através da sua cultura define o papel da mulher e do homem”. E esta teve e ainda

tem muitas vezes que sofrer as consequências desta sociedade que acolhe o homem e entende na maioria das vezes seus atos que ultrajam, humilham e agredem a mulher, enquanto a esta resta o lugar de submissa, a que aceita e entende os atos do companheiro, como forma de tentar salvar sua relação.

Quando refletimos sobre a violência contra a mulher, logo refletimos sobre o fato de sabermos que existem milhares de mulheres que sofrem violência doméstica de familiares, especificamente de seus companheiros, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2017, cerca de 40% das denúncias recebidas de violência contra a mulher, são realizadas por mulheres denominadas evangélicas. Macedo (2020, p. 118) diz “A violência doméstica contra a mulher, também conhecida como violência familiar, recebe esta denominação por ocorrer predominantemente dentro do lar, e o agressor geralmente é alguém que já manteve, ou ainda mantém, uma relação íntima com a vítima”. É corriqueiro sabermos que são fatos que acontecem diariamente na sociedade e que se tornou algo “comum” aos nossos olhos, isso é preocupante, já que é uma situação de extrema desigualdade e desrespeito contra a mulher e que acontece dentro de seus lares, por pessoa próximas e acaba dificultando com que a própria mulher consiga sair dessa condição.

Quando nos adentramos no contexto cristão, a situação de violência doméstica só se agrava, uma vez que a mulher acaba sendo pressionada a todo custo a salvar sua relação, Macedo (2020, p. 118) diz que “Nesse cenário de tamanha violência, mulheres cristãs também têm experimentado essa dura realidade dentro dos seus lares. 40% das mulheres agredidas física, verbal, moral ou psicologicamente, dizem ser evangélicas”, uma vez que de forma distorcida muito líderes evangélicos as aconselham a “orar” e esperar resposta de Deus, para que este problema se solucione e seu casamento seja salvo, ouvindo na maioria das vezes seus líderes, as mulheres acabam sofrendo agressões por acreditarem que Deus vai “transformar” seus cônjuges, algo totalmente distorcido e que nem sempre acontece.

A mulher acredita que as atitudes de seus companheiros se relacionam ao fato de que estes estão sob o domínio de forças sobrenaturais que os impulsionam a terem comportamentos agressivos e que poderão ser mudados com a conversão ao evangelho.

Segundo Vilhena, (2010, p. 2 - 3):

Para as mulheres, essas teologias vão de encontro aos comportamentos desviantes de seus parceiros, cedendo lugar à resignação, à abnegação; mudando a forma de conduta de seus parceiros diante da infidelidade ou vícios relativos a drogas ou jogos. Após sua conversão, aprendem a agir com ‘sabedoria’ evitando discussões para ‘ganhar’ seu

companheiro para Cristo, quando então ele estaria liberto pelo Espírito Santo dos espíritos demoníacos. A associação dos ‘comportamentos desviantes’ com a doutrina das forças demoníacas, isentando o sujeito de qualquer responsabilidade de suas ações [...].

Por esta razão a mulher sofre dentro de seu lar, as piores agressões, sejam elas físicas ou não, e são submetidas a situações de total desrespeito por serem orientadas a continuar em suas relações, fazendo o possível e o impossível para salvar seus parceiros, mesmo que pra isso chegue a perder sua vida, em decorrência de agressões “O que lamentavelmente acontece, são os tabus religiosos em seus dogmas, que mantêm a mulher que sofre violência em seu relacionamento mesmo quando a situação é de quase ou até morte pelo seu agressor”. (TEDERIXE, 2019, p. 2).

O papel da igreja que deveria ser o de acolher estas mulheres e aconselhá-las a saírem de situações que possam colocar em risco suas vidas, acaba sendo o contrário, os líderes movidos por sua religiosidade e pautados numa versão da bíblia distorcida “[...] a maior parte das mulheres evangélicas agredidas é silenciada; esperam em Deus que a violência que sofrem seja combatida pelo poder da oração; normalmente, são aconselhadas por seu líder ou pastor, para que tenham paciência e fé”. (MACEDO, 2020, p. 125), passam para a mulher a visão de um “deus” que jamais aceitaria que uma filha sua, fosse agredida e humilhada e que em hipótese alguma a pediria que continuasse numa relação de total opressão e que lhe causasse tamanho sofrimento, para o verdadeiro Deus, a mulher é muito amada e tem muito valor “Mulher virtuosa quem a achará? O seu valor muito excede ao de rubis.” (Provérbios 31:10).

[...] toda a liderança destituída de conceitos religiosos dogmáticos entende que seus objetivos na vida de seus seguidores são para acolher e proteger, desta forma devem tratar a todos com o mesmo sentimento de respeito, consideração, não fazendo acepção de pessoas, e sempre cultivando o amor fraternal para com todos ajudando sempre os mais necessitados (TORRES, 2019, p. 8).

Desta forma cabe à liderança cristã quebrar estes paradigmas arcaicos e opressores de que a mulher deve se sujeitar a tudo por seu parceiro, para que este seja salvo, já que esta ação não é dada pela mulher, aceitando humilhações e agressões, a igreja neste momento deve ser suporte para que a mulher seja encorajada a sair dessa relação opressora, totalmente contra os princípios cristãos, a mulher não deve ser tida como alguém que é subordinada e que deve aceitar tudo pelo bem do seu casamento e de sua família.

As mulheres que além de serem vítimas dentro de seus lares, acabam sendo vítimas também da religiosidade e ignorância de seus líderes, que não fazem esforço para as entender,

mas que entendem seus opressores, assim afirma Tederixe (2019, p. 3) “[...] além da violência doméstica, estas mulheres também são vítimas de uma religiosidade que aprisiona, permite a violência, que ensina conceitos manipuladores da fé, de um Deus que não existe na Bíblia, o qual protege o agressor e expõe a vítima”.

As barreiras regidas pelo preconceito de gênero e submissão do sexo masculino sobre o feminino, mais do que nunca devem ser refletidos e combatidos pela igreja, para que esta entidade possa ser a mão que ajuda a mulher em casos de violência doméstica, a igreja deve agir como Deus agiria, ser apoio, ser suporte neste momento em que estas necessitam ser acolhidas e protegidas e as ajudem a se libertarem de jugos que as prendem a situações de agressões, que estas não necessitam e não merecem passar “[...] a igreja precisa lutar contra a ignorância religiosa, abrir a mente para a palavra estruturada com base na exegese bíblica, proteger os inocentes contra os abusos, violências, denunciar o agressor, realizar ações instrutivas contra os abusos domésticos etc” (TEDERIXE, 2019, p. 9). Se a entidade cristã se tornar este apoio que as mulheres cristãs tanto necessitam, certamente casos de violência não ficaram impunes e a mulher se libertará desse jugo que não a pertence e por nada nem por ninguém precisará passar.

Na tabela 9, da nossa pesquisa com o sexo feminino, trouxemos o ultimo questionamento acerca de em caso violência as mulheres veriam a igreja como um apoio.

Tabela 9. - Violência doméstica e apoio da igreja.

PARTICIPANTE I	PARTICIPANTE II	PARTICIPANTE III
<i>Sim. Porque me sentiria segura em pedir orientação ao meu pastor, a igreja é como uma família, devemos nos ajudar.</i>	<i>Sim. Pois os nossos pastores são homens de Deus.</i>	<i>Sim, pois são pessoas usadas por Deus.</i>

(Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2021)

A partir dos enunciados discursivos percebemos que em caso de violência doméstica todas pediriam orientação aos seus pastores, embora seja uma situação constrangedora, as mesmas não hesitariam em pedir apoio aos seus líderes, o efeito de sentido de que pediriam ajuda produz as identidades de forma positiva no combate a violência no campo religioso evangélico já que de acordo com dados de 2017 do IBGE 40% das mulheres agredidas física, verbal, moral ou psicologicamente, dizem ser evangélicas, uma vez que estes são considerados pessoas confiáveis na igreja, exemplos e certamente teriam os conselhos certos

para estas situações, sobre o papel do pastor nestes casos Macedo (2020, p. 127) diz que “Os líderes têm importante papel nesses esforços, uma vez que os membros precisam sentir que têm suporte para pedir ajuda, confessar suas fragilidades e ter liberdade para se expressar.”.

O que ocorre é que por seguirem uma linha conservadora, a maioria dos pastores teriam orientações acerca da salvação do casamento em primeiro lugar, já que foi algo que Deus uniu e, portanto, não deve se desfazer, fazendo o interdiscurso com o discurso do texto de Mateus 19:6 “Assim já não são mais dois, mas uma só carne. Portanto o que Deus ajuntou, não o separe o homem.”, mas será que Deus preferiria ver uma filha infeliz e sofrendo violência ao ver uma filha separada, livre de um casamento que não lhe edifica? São questões que devem ser refletidas pelos líderes antes de sentenciar seus membros a se manterem em situações como estas, como afirma Macedo (2020, p. 25) “[...] a maior parte das mulheres evangélicas agredidas é silenciada; esperam em Deus que a violência que sofrem seja combatida pelo poder da oração; normalmente, são aconselhadas por seu líder ou pastor, para que tenham paciência e fé”.

3.5 ANÁLISE DAS IDENTIDADES DE MULHERES EVANGÉLICAS: IAD SÍTIO CARAÚBA

A Igreja Assembleia de Deus do Sítio Caraúba deu início a seus trabalhos em 1997, na comunidade supracitada, os primeiros trabalhos da igreja aconteciam na residência de um dos moradores da comunidade, sob a responsabilidade de homens e mulheres atuantes. Tempos depois o templo em que hoje são realizados os cultos foi construído numa área doada por um proprietário de terra da região (meu avô), os pastores de início eram homens da própria comunidade ou de comunidades vizinhas, mas épocas depois esse cargo passou a ser desempenhado também por homens que vinham da cidade. Hoje a igreja conta com cerca de 30 a 40 membros que são atuantes, entre homens, mulheres e crianças da comunidade e também da cidade. A comunidade onde se situa a Igreja Assembleia de Deus, localiza – se na zona rural do município de Upanema – RN.

Imagem: Igreja Assembleia de Deus do Sítio Caraúba, Upanema - RN



(Fonte: Arquivo do Portal Missionário)

A representação de mulheres que fazem parte do âmbito cristão está na maioria das vezes relacionada com aspectos que ainda são enraizados numa cultura patriarcal, baseada numa hierarquia em que homens se destacam, enquanto as mulheres são colocadas em segundo plano e isso para muitas Igrejas é tido como normal, mulheres e homens possuem cargos e papéis que se distinguem, esse modelo vivenciado e aceito em muitas igrejas tem colaborado para que as mulheres se perpetuem em papéis de inferiorização. Sobre essa questão Sirelli; Souza (2018, p. 328) afirmam que:

A instauração de uma sociedade patriarcal foi (e continua sendo) muito útil para a manutenção desse modo de produção e tem como grave consequência a coisificação da mulher, reafirmando a ideia de que as mulheres são, de diversos modos, submetidas às vontades do patriarcado, feitas para satisfazer seus prazeres e “cuidar” de seus filhos, dificultando o desenvolvimento social, econômico, político, cultural etc.

Por receber características que a delimitam, a mulher é ainda mais inferiorizada dentro das igrejas, pois ouvem de seus líderes discursos que as mantem presas em paradigmas forjados de preconceitos e patriarcalismo, que muitas mulheres acabam aceitando e concordando o que só alimenta relações de desigualdade impostas por esse sistema.

[...] o sistema patriarcal legitimado ao longo da história pela religião cristã, é responsável em grande medida, pelas práticas sociais que naturalizaram o papel da mulher restrito ao espaço da casa/quintal, favorecendo o exercício do poder pelo masculino em detrimento do feminino. (MARQUES, 2017, p. 84)

São esses os fatores que legitimam o lugar de inferioridade que é imposto a mulher no espaço cristão, favorecendo para uma representação feminina calcada em determinações e interesses masculinos.

Detemo-nos em compreender estas representações de mulheres evangélicas no âmbito cristão do Sítio caraúba, Upanema – RN, de forma a entender como se estabelece a identidade feminina neste espaço. Para isso realizamos a aplicação de questionários com homens e mulheres da IAD, os questionários foram explicados e entregues aos participantes que aceitaram participar da pesquisa, com questões acerca da representação de identidade feminina, cargos eclesiásticos e violência doméstica contra a mulher evangélica, com intuito de analisar estes aspectos e assim alcançar os resultados almejados.

Notou-se que a mulher na visão masculina se detém a características relacionadas a forma como desempenha seu papel na igreja e em casa, características como “prudência”, “sabedoria”, “dedicação”, “cuidar da família”, foram as mais destacadas pelos homens, só confirmando que muitas particularidades que a mulher recebe são oriundas de colocações masculinas e que estas acabam aceitando, sobre isso Miranda (2009, p. 25) diz que “A tradição religiosa cristã caracteriza-se por ter colocado a mulher, ao longo da história, como reprodutoras das orientações determinadas pela estrutura dominante vigente: a preponderância masculina”.

Ao adentrar no aspecto da importância do trabalho da mulher na igreja, houveram variações nas colocações dos membros masculinos, obviamente que para todos a mulher tem significativa importância na obra da igreja, reflexões como “a mulher é fundamental na igreja”, “se houver dedicação ela se torna um exemplo”, “homens e mulheres são importantes na obra”, foram colocações que nortearam essa linha de pensamento, remetendo que a mulher é importante sim, mas ainda se ver que é dada de forma a remeter uma ligação com o homem, reafirmando que o trabalho da mulher está sempre em junção com o do seu cônjuge ou pastor.

Em relação a hierarquia de cargos, identificou-se que sob a visão da maioria dos homens da igreja em destaque, as mulheres são aptas a desenvolver a maioria dos cargos que a igreja possui, porém o cargo de pastora ainda não é visto como algo que a mulher pode ocupar, pois é considerado cargo masculino, apesar de apenas um dos participantes considerar que a mulher pode ter cargo de líder na igreja, a maioria não concorda, portanto se ver que a hierarquia continua sendo algo que circunda este espaço.

[...] apesar de existirem mulheres que assumem cargos de liderança dentro de sua igreja, ainda não há abertura e a liberdade para estas se tornarem pastoras. Mesmo aquelas respeitadas por seu trabalho, e consideradas verdadeiras líderes, não podem assumir o papel de estar á frente e ser responsável por toda comunidade. (SILVA, 2007, p. 117)

Ser líder numa denominação cristã, é ainda algo legalizado para membros do sexo masculino, pelo menos para a maioria dos membros, basta nos adentrar ao último questionamento da pesquisa, sobre o fato de a mulher poder ser pastora, assim como homem, poder dirigir Igrejas, ser líder, para a maioria não é recomendável, é um papel dado a homens e que, portanto, as mulheres não devem ocupar, como se essa identidade não pudesse ser transformada, sobre isso Hall (2006, p. 13) afirma que “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, [...]”, o que notamos que não acontece neste espaço, a identidade da mulher é a de que auxilia, a que se coloca como a segunda opção, de acordo com um dos participantes da pesquisa.

Desta forma sob a visão dos membros homens da Igreja Assembleia de Deus do Sítio Caraúba, as mulheres tem relevante importância na obra da igreja, porém é algo que ainda está a sombra da inferiorização em relação ao papéis destes, que são os líderes e enxergam as mulheres como um auxílio hora de liderar a Igreja.

Quando nos adentramos nas representações que as mulheres dão a elas próprias vemos que essa forma de raciocínio se faz presente também na maneira como estas pensam e agem, as posições que as mesmas possuem na Igreja e a imagem que muitas delas fazem de si próprias são resultados de discursos de líderes que corroboram com a inferiorização que na maioria das vezes as mulheres sofrem neste espaço, promovendo interesses para eles próprios, “ Definir a posição que uma mulher vai ocupar dentro da igreja, fazendo uso do temor a Deus, é a garantia dos homens de que nenhuma mulher virá a ocupar seu espaço, pois veem na emancipação feminina uma ameaça à moral – ditada por uma sociedade androcêntrica – e aos seus interesses”. (CASAGRANDE; FREITAS, 2013, p. 7). Deste modo a mulher também acaba aceitando esses papéis que lhes são impostos e veem como um percurso natural, onde homens devem ser os líderes e elas as auxiliares.

As mulheres que fazem parte da Igreja Assembleia de Deus do Sítio Caraúba, se veem como mulheres que devem ser dedicadas, exemplares, que devem agir com prudência, estas são as principais formas que as mesmas enxergam. Na tabela 6, de nossa pesquisa com o sexo feminino, vemos que realmente a mulher se vê como aquela que deve exemplar em tudo.

Tabela 6. - Mulher evangélica numa igreja pentecostal.

<i>PARTICIPANTE I</i>	<i>PARTICIPANTE II</i>	<i>PARTICIPANTE III</i>
-----------------------	------------------------	-------------------------

<i>Ser uma mulher evangélica, é ser uma mulher diferente, santa, prudente, sábia, que se comporte como uma verdadeira cristã, uma mulher de oração.</i>	<i>Ser uma mulher dedicada nas suas funções.</i>	<i>Ser uma mulher exemplar.</i>
---	--	---------------------------------

(Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2021)

Todos os adjetivos com que elas vão se caracterizando vão construindo representações sociais na igreja e são muito semelhantes com as respostas dos membros do sexo masculino, desta forma, se vê que são linhas de raciocínio sobre a identidade feminina e seu papel semelhantes e que são construídas ao longo do tempo por ambos os sexos.

[...] ao se falar sobre identidade masculina e feminina, vem a mente a diferença dos papéis atribuídos a cada um destes. Torna-se comum pensar na identidade feminina, por exemplo, imaginando quais papéis sociais lhes são empregados – ou seja, o que se espera de uma mulher e, da mesma forma, ao se falar sobre a identidade masculina. (SILVA, 2007, p. 133)

São formas de pensamento que nascem de discursos religiosos baseados em diferenciações entre lugares que homens e mulheres devem ocupar, em quem detém a superioridade e quem é inferior “Em equivalência, os discursos religiosos reforçam essa polaridade e principalmente a ideia de subserviência de uma em relação ao outro”. (MARTINS; OLIVEIRA, 2017, p. 992). Contribuindo para que as representações sociais dadas as mulheres se limitem e tenha um mesmo significado, apesar das mudanças que ocorrem socialmente.

Para estas a mulher evangélica deve ter princípios regidos pela Palavra de Deus, o que está totalmente correto, mas o que acontece é que esse discurso por muitas vezes sofre alterações de seus líderes que dão outros sentidos a forma como a mulher deve se manter na igreja, forma esta que deve se manter sob o jugo masculino.

Orlandi, (1996, p. 256) diz que:

A linguagem religiosa está revestida de autoridade daquele que representa a Deus, mas que não é Ele. Dessa maneira, o discurso proferido por um líder religioso, representante de Deus aqui na Terra, incentiva a reprodução de estereótipos, conduzindo a figura feminina à submissão, fortalecendo a ideia de que a mulher é hierarquicamente inferior ao homem, cuja única utilidade é ser reprodutora da espécie: “Entretanto, a mulher será salva dando à luz filhos — se elas

permanecerem na fê, no amor e na santidade, com bom senso” (1TIMÓTEO, 2:15), estando sempre dependente sexual e socialmente da figura masculina.

Essa forma de raciocínio se afirma na própria visão da mulher, quando as mesmas foram questionadas acerca dessas diferenciações no âmbito cristão, e perceberam que dentro da Igreja há diferenciação nos cargos entre homens e mulheres e nos trabalhos que dirigem, é uma diferença que muitas vezes reproduz desigualdade por mais que estas não percebam, e achem que é normal, há essa diferença entre os sexos e isso se perpetua desde muito tempo, deste modo é visto como inquestionável. A tabela 7 da nossa pesquisa com o sexo feminino, ressalta justamente que as mulheres veem essa diferença, mas normalizam.

Tabela 7 - Diferenças entre as funções de homens e mulheres na igreja. Diferença de cargos; Diferença nos trabalhos que dirige; Outros.

<i>PARTICIPANTE I</i>	<i>PARTICIPANTE II</i>	<i>PARTICIPANTE III</i>
<i>Diferença de cargos.</i>	<i>Diferença de cargos; Diferença nos trabalhos que dirige.</i>	<i>Diferença de cargos.</i>

(Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2021)

As mulheres entendem que há divisão nos trabalhos, ou seja, homens e mulheres exercem trabalhos diferentes e cargos que elas e os homens dirigem e veem como normal, isso contribui para que estas separações de papéis se perpetuem, já que não há questionamentos por parte delas sobre estas posições.

É como uma aceitação por parte das mesmas sobre a posição que ocupam na igreja, o que confirma que não só os homens, mas as mulheres muitas vezes colaboram para que elas continuem em lugar de submissão e inferiorização, é um conjunto de ações que reafirmam o lugar da mulher na igreja e que vem de linhas de pensamento cristão pautados no patriarcado” [...] o Cristianismo disponibiliza às mulheres modelos de representação que estas têm tendência a aceitar passivamente como naturais e não como histórica e socialmente construídos. (RIBEIRO, 2000, p. 2)”, assim percebemos que essa postura em que muitas mulheres evangélicas se colocam parte de um sistema que esta alicerçado em modelos de representação desigual e que são tidos como naturais em relações de homens e mulheres.

As mulheres da Igreja que fizeram parte desta pesquisa, relacionam sua participação na obra como sendo algo regido pela dedicação, é identificável que a maioria das mulheres se veem como aquelas que se envolvem mais nos trabalhos que os homens, apesar destes

estarem na liderança, então apesar de estarem mais na igreja e muitas vezes participarem mais dos trabalhos do que os homens, a mulher neste espaço é figura secundária, delimitada muitas vezes por discursos autoritários que lhes dão um papel de submissão, papel este que necessita ser desconstruído e reconstruído de modo colocar a mulher em verdadeira igualdade com o homem.

Desconstruir o discurso, onde nascemos necessariamente para sermos, mães, filhas e esposas perfeitas. O qual nos é imposto como providência divina para escaparmos da frivolidade da “natureza de mulher”, que é moralmente decaída; revogar a autoridade do discurso sagrado, que naturalmente nos submete à condição de “ser de segunda categoria”; não é apenas um dever, mas uma necessidade, de quem compreende a cristandade como partilha e cumplicidade, de quem gesta uma nova geração, não apenas pelo prazer e pela força de suas entranhas, mas também pelo compromisso assumido diante de Deus que é mãe e pai, e diante de nossas filhas e filhos de construirmos um espaço mais digno onde as relações sejam legitimadas pelo respeito mútuo e não por uma imposição tácita de um sobre o outro. (DAËBS, 2005, p. 6).

A Igreja muitas vezes colabora para que a mulher se mantenha nessa posição, mas apesar de muitos líderes darem a estas lugares que as colocam em segundo plano, sendo questionadas se buscariam apoio da igreja em caso de sofrerem algum tipo de violência, não hesitaram em responder que buscariam sim este apoio, uma vez que por serem homens de Deus, saberiam como lhes aconselhar, é aí que surgem indagações a respeito do que estes líderes fariam para estas mulheres e que consequências poderiam surgir destes conselhos, pois na maioria das vezes o mais importante para o pastor é que os casamentos se mantenham, e através da oração Deus poderia mudar os companheiros, o resultado que estes discursos acarretam, “Nesta perspectiva, a violência contra as mulheres está relacionada com o discurso da religião cristã já que tem apoiado a subordinação da mulher até às últimas instâncias”. (VILHENA, 2010, p 7).

Percebemos que as representações atribuídas as mulheres que fazem parte da Igreja Assembleia de Deus do Sítio Caraúba, são resultados da forma como a Igreja separa os papéis entre ambos os sexos, a mulher está a sombra do homem e tanto os homens como as próprias mulheres enxergam isso, mas é uma relação considerada normal, o sexo feminino é colocado em segundo lugar e não há questionamentos sobre isso, é bem verdade que essas representações possam ganhar novas características com o passar do tempo, pois como afirma Hall (2006, p. 21) “ [...] a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida.”, uma vez que é considerado o certo e isso está presente nos discursos dos líderes

cristãos que contribuem para legitimar o lugar da mulher na igreja, lugar este que está sempre inferior ao do homem.

Na tabela 8, da nossa pesquisa com o sexo feminino, podemos ver que algumas mulheres dão a si próprias responsabilidades até maiores do que a dos homens, apesar dos mesmos serem os líderes e estas auxiliares. São formas de agir que na maioria das vezes advêm das relações entre homens e mulheres que se perpassam no âmbito cristão e legitimados por seus líderes.

Tabela 8. - Participação da mulher nos trabalhos da igreja.

<i>PARTICIPANTE I</i>	<i>PARTICIPANTE II</i>	<i>PARTICIPANTE III</i>
<i>A mulher por ter mais tempo que o homem participa mais dos trabalhos, o homem por trabalhar não tem a mesma disponibilidade.</i>	<i>A participação da mulher é dedicada com amor.</i>	<i>É visto como um lindo gesto.</i>

(Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2021)

Analizamos que, há uma diferença na forma como as mulheres atuantes enxergam sua participação na igreja, uma delas acredita que “*as mulheres possuem mais tempo e por isso participam mais dos trabalhos da igreja*”, sem refletir que a mulher além de ter trabalho na igreja, também trabalha em casa, ou seja, a mulher deve colocar muitas vezes sua participação na igreja em primeiro plano, algo que os homens não podem fazer, segundo a participante por causa do seu trabalho, o que reflete a forma como as mulheres concordam com a desigualdade entre os sexos em relação a participação na obra da igreja. Sobre esses discursos que muitas vezes permeiam as denominações cristãs Martins; Oliveira (2017, p. 992) afirmam que:

[...] por meio da aceitação dos preceitos postos, os/as “coadjuvantes” apreendem e incorporam os ideais e normas do imaginário social religioso à suas práticas discursivas, reproduzindo e reforçando, ainda mais, conceitos tidos como verdadeiros e naturais. Daí, resulta, então, a uma série de desigualdades concernentes aos muitos discursos permeados em instâncias religiosas, principalmente, àqueles ligados à polarização dos papeis “corretos” que se dão à mulher e ao homem.

Vemos que são a partir destes discursos que surgem as desigualdades e é reforçado a maneira como os papeis de homens e mulheres são vistos na igreja. Em relação as demais participantes, estas relacionam essa participação no modo de como elas se comportam na igreja, colocando dedicação e amor nesta participação.

A constituição das identidades das mulheres são produzidas no contexto no qual muita coisa ainda precisa ser transformada no seio da igreja evangélica, tanto da visibilidade como na participação com mais oportunidades para as evangélicas, as representações dadas são basicamente semelhantes ao dos homens, a mulher resiste, não silencia, não questiona, pelo contrário afirma em suas atitudes e pensamentos que este é o seu lugar, o de auxiliar, que cabe ficar em segundo plano, sempre inferior ao homem. Aqui há o histórico nos discursos produzidos que não se dissociam de outras realidades nas quais essas mulheres da IAD são representadas, reflexões que mostram o quanto há no âmbito religioso cristão desigualdade nos papéis entre homens e mulheres, onde estas se afirmam e as quais foram submetidas por discursos que colaboram para este que lugar se perpetue de forma natural.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade passou por grandes transformações, e cada transformação foi necessária para que houvessem mudanças na maneira como os sujeitos enxergavam determinados paradigmas, os papéis de homens e mulheres na sociedade foi se refazendo na medida em que as mulheres iam desenvolvendo reflexões acerca do seu lugar nesse contexto, outrora as mulheres eram reconhecidas apenas como aquelas que eram “treinadas” para o matrimônio, cuidar do lar e do marido e procriar, não se tinha outros caminhos para a mulher a não ser estes, com o tempo foi necessário que mulheres se levantassem contra esse tipo de sistema para que pudessem ter merecimento por ações que fossem além de ser cuidadora do lar e da família, a mulher então por meio de muitas lutas, foi conseguindo ocupar mais espaços, porém bem abaixo dos que os homens ocupavam.

Esse modelo de sistema em que homens e mulheres foram instruídos, é voltado para interesses de homens, onde são estes que detém o poder e impõem regras, cabendo a mulher aceitar cada imposição e continuar num papel de inferioridade se limitando a lugares de submissão, seja no setor social, familiar ou religioso. Felizmente nos dias atuais é perceptível o quanto o sexo feminino alcançou reconhecimento e espaço, porém em alguns setores esse lugar de inferioridade em que a mulher foi colocada por muito tempo permanece. Algumas igrejas são na maioria das vezes exemplos de instituições em que as relações estabelecidas entre homens e mulheres continuam como nos tempos de antigamente, onde o homem era visto como o líder e a mulher a que auxiliava, ou seja, a mulher vivia a sombra da autoridade masculina.

Para compreender estas relações que fazem parte das igrejas pentecostais em que homens e mulheres estão inseridos, nossa pesquisa buscou analisar e perceber a constituição de identidade de mulheres evangélicas na comunidade do Sítio Caraúba/ Upanema – RN, na perspectiva da representação de identidade e do discurso religioso. Reiterando que nossos objetivos abrangeram compreender a representação de mulheres evangélicas, como estas são vistas sob o olhar dos membros da igreja e sob a própria ótica da mulher, percebendo quais são as características atribuídas a mulher evangélica e sua importância para a igreja.

De acordo com nossa pesquisa, realizada com membros da igreja cristã do Sítio Caraúba, foi percebido que na perspectiva do homem evangélico as representações sociais foram construindo identidades da mulher como uma figura importante para a igreja, estas são vistas como dedicadas a igreja e a família, são discursos que dão a mulher características relacionadas a uma serva de Deus que deve ser exemplo, que deve ser sábia na igreja e em casa, podemos identificar também que na visão destes membros a mulher não deve ter papel

de liderança, é algo que deve ser feito por homens, restando para a mesma ser sua ajudadora. São modos de pensar que afirmam a mulher uma visão de subordinada e que apesar de ser sim importante na igreja, não deve se sobressair ao papel dos homens, diante dessa realidade é necessário que haja abertura no espaço religioso cristão para diálogos acerca dos papéis de homens e mulheres, de modo a repensar estas relações e num futuro próximo haver mudanças que possibilitem a mulher estar em lugares de liderança.

Nossa pesquisa analisou a representação que a mulher evangélica faz dela mesma, percebemos que a mulher tem uma visão semelhante ao dos homens, ela se enxerga como uma mulher que deve ser diferente, deve ser sábia e exemplar em tudo que faz, dedicada na igreja, ou seja, são características semelhantes às que os homens recorreram sobre elas, e apesar de as mulheres perceberem que há diferença entre cargos e liderança, é algo tido como normal na igreja, não é um motivo para questionamento, há uma aceitação de seus lugares por parte das mesmas.

Em relação a seus líderes, constatamos que as mulheres tem total confiança em procurar apoio destes em caso de sofrerem algum tipo de violência doméstica, pois são considerados homens de Deus e sábios, o que se torna positivo diante de um cenário de violência doméstica que muitas mulheres evangélicas sofrem.

Concluimos que na Igreja Assembleia de Deus do Sítio Caraúba, os discursos sobre representações de identidade sobre a mulher evangélica as mantem produzindo identidades desiguais em relação ao homem, contudo as desigualdades permanecem como forma de definir o lugar onde cada um deve ficar, apesar de terem seu espaço dentro da igreja, as mulheres são ainda inferiores em muitos aspectos. Percebe-se o quanto a igreja ainda está enraizada em discursos e paradigmas voltados para a hierarquia que outrora se estabelecia, homens numa posição de liderança e mulheres em segundo plano. Os resultados apontam que as representações sociais que constituem as identidades das mulheres se dão no contexto patriarcal e de conservadorismo num fundamentalismo religioso e que vão subjetivando posições sujeitos da mulher mãe, parceira, submissa etc, o que nos faz pensar que a representação e a identidade da mulher na Igreja do Sítio Caraúba, parte de um discurso com viés desigual e patriarcal.

Diante da pesquisa, consideramos que a representação de identidade de mulheres evangélicas da Igreja Assembleia de Deus do Sítio Caraúba, Upanema – RN, sob a ótica dos participantes, está pautado em discursos de desigualdade nas relações entre homens e mulheres que fazem parte deste espaço e que é reiterado pela maioria das denominações

evangélicas. Ou seja, são os discursos de muitos líderes religioso cristãos em detrimento com a conformação dos sujeitos atuantes deste espaço que deram a mulher evangélica o lugar de inferiorização no âmbito evangélico.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. Juízes 4. 8 - 9. In: ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Casa Publicadora Paulista, 2017. p. 1-1343.

_____, João Ferreira de. Gênesis 1:27 – 28. In: ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Casa Publicadora Paulista, 2017. p. 1-1343.

_____, João Ferreira de. I Coríntios 11:11 – 12. In: ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Casa Publicadora Paulista, 2017. p. 1-1343.

_____, João Ferreira de. Mateus 19.6. In: ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Casa Publicadora Paulista, 2017. p. 1-1343.

AMARO, Ana; PÓVOA, Andreia; MACEDO, Lúcia. **A arte de fazer questionários**. Porto: Departamento de Química, 2005.

ANDROSIO, Valéria de Oliveira; COSTA, Irla Henrique. **As transformações do papel da mulher na contemporaneidade**. 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Pictures/GRACIELE/LEITURAS%20TCC%202/Astransformacoesdopapeldamulhernacontemporaneidade.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2021.

ARAÚJO, Jaqueline Rodrigues de Oliveira de; OLIVEIRA, Ednalva Rodrigues de. Relação de Gêneros: Impactos na representação social da mulher. In: I SEMINÁRIO CORPUS POSSÍVEIS NO BRASIL PROFUNDO, 1., 2018, Rio Grande. **Anais [...]**. Rio Grande: Senacorpus, 2018. p. 1-7.

BANDINI, Claudirene de Paula. Gênero e poder na Igreja Universal do Reino De Deus. **Horizonte**, Minas Gerais, v. 13, n. 39, p. 1-17, set. 2015.

CASAGRANDE, Lindamir Salette; FREITAS, Lucas Bueno de. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10, 2013, Florianópolis. **Fazendo Gênero 10**. Florianópolis: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, 2013.

CASTRO, Ana Beatriz Cândido; SANTOS, Jakciane Simões dos; SANTOS, Jássira Simões dos. Gênero, Patriarcado, divisão sexual do trabalho feminina na sociabilidade capitalista. In: VI SEMINÁRIO CETRUS, 4., 2018, Ceará. **Anais [...]**. Ceará: Uece, 2018. p. 1-14.

COSTA, Ana Kerlly Souza da. Direitos e Feminismos: A luta das mulheres contra as formas de opressão. In: VII SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, 7., 2018, Rio Grande. **Anais [...]**. Rio Grande: O VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, 2018. v. 7, p. 1-7.

COSTA, Eliene dos Santos; SILVA, Lucivania da Costa. Violência contra a mulher: Relações de Gênero e Dominação Masculina. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E INCLUSÃO, 1., 2014, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Cintedi, 2014. p. 1-10.

COSTA, Ivandilson; SILVA, Tatiane Xavier Da. **LINGUAGEM: ESTUDOS E PESQUISAS**. Goiás: Linguagem - Estudos e Pesquisas, v. 15, n. 2, 2011.

COSTELLA, Matt. **O Papel Das Mulheres Na Igreja Local**. Disponível em: <<http://www.solascriptura-tt.org/EclesiologiaEBatistas/PapelMulherNaIgrejaLocal-MCostella.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

DAÉB'S, Bianca . Cristianismo e Mulher. Inclusividade (Centro de Estudos Anglicanos) , v. 1, p. 22-29, 2005.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009. (Educação a Distância, 5).

GOUVÊA NETO, Ana Luíza. **Na Capa e Por Dentro: Uma análise sociohistórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas**. 2015. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**., 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. P. 17-44.

MARTINS; Stephany Pikhardt .OLIVEIRA; Maria Regina de Lima Gonçalves.VI SEMANA DE INTEGRAÇÃO INHUMA, 2017, Goiás. **Eu vos declaro “marido e mulher”: Implicações do discurso religioso para a (con) formação da desigualdade de gênero**. Goiás: VI Semana de Integração Inhumas, 2017.

MARQUES, Maria Adriana. **A estética da mulher na igreja assembleia de Deus: Entre as prescrições estatutárias e as praticas cotidianas**. 2017. 177 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.

MACEDO, Graciela Anchieta Costa. **LIDERANÇA CRISTÃ E PRÁTICA PASTORAL: UMA REFLEXÃO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES E SUA PERCEPÇÃO NAS IGREJAS DO BRASIL**. [S.L]: Intersaberes, v. 9, n. 20, 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MIRANDA, Fernanda Honorato. **Religião e Mulher: Liderança no Pentecostalismo Evangélico**. 2009. 87 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

OLIVEIRA, Daniela Emilena Santiago Dias de. A Representação da Mulher na Revista Alvorada da Igreja Presbiteriana Independente: Uma análise da Produção dos Anos 70 e 80 no Brasil. In: VIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 8., 2017, São Paulo. **Anais [...]** . São Paulo: VIII Congresso Internacional de História, 2017. v. 8, p. 1-8.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. O discurso religioso. In: _____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996. p.239-262.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. Resenha de: ALÓS, Anselmo Peres. *SIGNUM: Estud. Ling., Londrina*, v. 15, n. 3 (esp.), p. 389-394, dez. 2012.

PEDROSA, Cleide Emilia Faye. *Discurso Religioso: Funções e especificidades*. **Soletras**, São Gonçalo, v. 13, n. 1, p. 1-8, jan. 2007.

RIBEIRO, Silvana Mota. Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo. In: IV CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 4., 2000, Coimbra. **Anais [...]**. Coimbra: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, 2000. p. 1-26.

SANTOS, Aline Tosta dos. A construção do papel social da mulher na Primeira República. P. 1-18, ago. 2009.

SANTOS, Caroline Helena dos; BRANCO, Osnir; STORTO, Leticia Jovelina; BURGO, Vanessa Hagemeyer; "A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO DISCURSO RELIGIOSO", p. 660-669 . In: **Anais do XI Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas [=Blucher Social Science Proceedings, n.4 v.2]**. São Paulo: Blucher, 2016.

SILVA, Thálita Cavalcanti Menezes da. **A Representação da Identidade Feminina em Mulheres Evangélicas na Cidade do Recife.**: família, gênero e religião. 2007. 186 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia Clínica, Universidade Católica do Pernambuco, Recife, 2007.

SIRELLI, Paula Martins; SOUSA, Marília de Oliveira de. Nem santa, nem pecadora: novas roupagens, velhas dicotomias na coisificação da mulher. **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo, p. 326-345. maio/ago 2018.

TEDERIXE, Kelly Cristina Marcelino. **GAMALIEL**. São Paulo: Revista Científica Gamaliel – Fatej, v. 1, n. 1, 2019.

TERRA, Kenner Roger Cazotto. **HORIZONTE**. Belo Horizonte: Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 16, n. 51, 2018.

TILLY, Louise Audino. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 3, p. 28-62, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1722>. Acesso em: 24 set. 2021.

VILHENA, Valéria Cristina. Resultados de uma pesquisa: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas. In: FAZENDO GÊNERO 9 DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, 1., 2010, Santa Catarina. **Anais [...]**. Santa Catarina: Fazendo Gênero 9, 2010. p. 1-9.

6. APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS HOMENS.

1. Sexo

- a. ☐ Feminino
- b. ☐ Masculino

2. Idade

- a. ☐ De 15 a 25 anos
- b. ☐ De 30 a 50 anos
- c. ☐ De 55 a 70 anos

3. Quais principais características você atribuiria a mulher cristã?

Resposta: _____.

4. Qual a importância do trabalho da mulher na obra da igreja?

Resposta: _____.

5. Quais cargos no seu ponto de vista as mulheres poderiam ocupar na igreja:

- a. ☐ Auxiliar de trabalho
- b. ☐ Diaconisa
- c. ☐ Missionária
- d. ☐ Pastora
- e. Outros: _____.

6. Qual seu ponto de vista sobre a hipótese de a mulher poder ser pastora de igreja.

Resposta: _____.

Obrigada por responder o questionário!

APÊNDICE B – ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO APLICADO COM AS MULHERES.**1. Sexo**

- a. ☐ Feminino
- b. ☐ Masculino

2. Idade

- a. ☐ De 15 a 25 anos
- b. ☐ De 30 a 50 anos
- c. ☐ De 55 a 70 anos

3. Qual cargo exerce na igreja?

- a. ☐ Líder de departamento.
- b. ☐ Regente de conjunto.
- c. ☐ Dirigente de trabalho.
- d. ☐ Membro de conjunto.
- e. ☐ Auxiliar de trabalho.
- f. Outros: _____.

4. O que é ser uma mulher evangélica numa igreja pentecostal?

Resposta: _____.

5. Quais diferenças você já notou entre as funções de homens e mulheres na igreja?

- a. ☐ Diferença de cargos.
- b. ☐ Diferença nos trabalhos que dirige.
- c. ☐ Outros: _____.

6. Como enxerga a participação da mulher nos trabalhos da igreja?

Resposta: _____.

7. Se sofresse algum tipo de violência doméstica se sentiria segura ou não em buscar apoio da igreja? Porque?

Resposta: _____.

Obrigada por responder o questionário!